

Tese de Doutorado

**VIDAS EM ARQUIVO: CICATRIZ E MEMÓRIA EM ROSÂNGELA RENNÓ E
SILVIANO SANTIAGO**

Autor: Marcelo dos Santos (m.santos1977@gmail.com)

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina de Rezende Chiara

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Área de concentração: Literatura Comparada

Data da Defesa: 9 de abril de 2010

Palavras-chave: Cicatriz, memória, Silviano Santiago, Rosângela Rennó, arte brasileira contemporânea

“Vidas em arquivo” é o título que mais se aproxima do modo como a tese apresenta as obras escolhidas para análise: discute a obra de Rosângela Rennó, artista visual, e de Silviano Santiago, crítico literário e ficcionista, aborda a relação entre arte e vida, analisando como suas obras representam experiências biográficas narradas. Essas vidas contadas têm uma relação estreita com os arquivos que elas produzem: um arquivo sempre vivo e em constante mutação, já que a cada movimento dos seus jogos ficcionais (cada novo ensaio ou romance, cada nova instalação ou intervenção, cada nova fala), uma nova entrada nas fichas de leitura é acrescentada. As vidas *em* arquivo tornam-se facilmente um arquivo vivo, sem se transformarem em arquivo de uma vida.

A questão da memória é bastante evidente no trabalho dos dois artistas, especificamente no curtocircuito que produzem na noção da memória como acúmulo, ao fazer a ficção atuar como mediadora da economia mnemônica (lembança-

esquecimento). Partindo dos arquivos (fotográficos, historiográficos), os artistas em questão transbordam os limites do princípio da arquivística – a fidelidade, a veracidade, o fato –, potencializando o que todo arquivo guarda em segredo: o esquecimento, a corrosão, a fantasia, a ficção, a falsa mentira. Desse modo, a visada arquivística dos dois artistas se faz na neutralização da verdade fechada e limitada do arquivo (e da escrita e da imagem fotográfica) em nome de uma liberdade imaginativa e interpretativa.

A cicatriz, por sua vez, tem uma relação direta com a obra de Rosângela Rennó, *Cicatriz* (1995). Como operador de leitura, a cicatriz foi se tornando necessária e eficiente na leitura da produção artística contemporânea – aqui representada pelos dois artistas estudados –, já que esta dificilmente se reduz a conceitos que não se autometamorfosam: a cicatriz é esse conceito sem fundo, abertura fechada ou fechamento aberto, visível (enquanto corporal), invisível (enquanto inconsciente), metafórica (enquanto afetiva), metonímica (enquanto ligada à memória).

Nos escritos de Silviano Santiago, a escrita se alastra, nos momentos em que estão abertas-e-fechadas as questões da leitura e da escrita, do eu e do outro, do texto do outro e do texto próprio, da vida e da literatura, da autoreferência e do disfarce, nos sujeitos que caminham entre-lugares. Sobretudo, essa escrita se apresenta no fluxo que garante o descontínuo, que permite pontos de fuga no que se considera uma obra literária.

A tese busca definir a cicatriz, aproximando-a de alguns conceitos afins, além de configurá-la na própria discussão da obra dos dois artistas. Quando a cicatriz representa um descentramento das noções de sujeito, corpo, memória e arquivo, aproxima-se dos conceitos filosóficos de fissura de Gilles Deleuze, em *Lógica do sentido*, e do conceito de *brisure*, de Derrida, exposto em *Gramatologia*. Ainda é importante o sentido de cicatriz apresentado por Freud em *Moisés e o monoteísmo* e no conceito de “ferida

narcísica”, noção continuada por Lacan na discussão do *Spaltung* (fenda). No campo da fotografia, deu-se importância ao momento do corte fotográfico, do sangramento, como apresentado por Philippe Dubois, em *O ato fotográfico*, para se pensar sobre o funcionamento do tempo e do instante, tão caros à expectativa da imagem fotográfica.

A primeira parte da tese, intitulada “Uma história de cicatrizes: a fotografia”, oferece uma discussão em torno da inserção da fotografia no panorama artístico, mas realizando um recorte crucial para a tese: o modo como a fotografia se relaciona com a interpretação e com a literatura e as artes, desde a sua tomada como metáfora – quando a fotografia pôde ser considerada o melhor espelho do real – até o momento em que a fotografia se converte em modo privilegiado de leitura da imagem ou quando um olhar fotográfico se constrói como única hermenêutica possível para a imagem fotográfica.

O segundo capítulo, “Aberturas”, dividido em duas seções, visa apresentar as práticas de Rosângela Rennó e de Silvano Santiago que podem ser consideradas investimento nas cicatrizes da imagem e do texto, violações nas leituras monumentais e decodificadas. Se Rennó trabalha com o jogo linguístico de sentidos duplos, díspares, abertos na relação imagem-texto, Silvano prepara um jogo de *personae*, reconhecendo a configuração de uma imagem de autor na produção da estilização. Isso se dará na escrita das cartas, em que o autor, ao escrever ao outro, produz uma imagem de si mesmo.

A análise dessas rasuras no sentido e na forma é assunto da seção “O duplo olhar”, do terceiro capítulo da tese, pois se quis destacar, por meio da leitura de determinadas obras de Rosângela Rennó e de Silvano Santiago, os modos como os dois disseminam ou rearticulam certos procedimentos. Assim, é dada atenção a uma literatura do olhar que Silvano Santiago aborda desde seu romance *O olhar* até o uso

das imagens fotográficas de si mesmo (em *O olhar e O falso mentiroso*) e as imagens de significados de repercussão cultural, como as fotos de Robert Mapplethorpe que estampam a capa de *Stella Manhattan* e *Keith Jarrett no Blue Note*.

Essas apropriações de vidas ficcionais estilizadas acabam escrevendo subjetividades sangrantes, que são mesmo “infotografáveis”. Nesse sentido, são pensadas tanto as subjetividades em tom menor, particular – dos retratos esquecidos e fraturados de Rennó (*Imemorial, In oblivionem*), dos parentes mortos (*Uma história de família*), das memórias brancas (*Keith Jarrett no Blue Note*) – quanto as que são discutidas pelos dois artistas nos limites da interpretação de uma identidade latino-americana, como em *Vera Cruz e Estados Unidos* (Rennó) e em *As raízes e o labirinto da América Latina*. Ao final da tese, avaliam-se os caminhos assumidos aqui para formação de um pensamento desafiado por conceitos menos categóricos e de maior alcance estético.